

Marca da manifestação para sexta-feira

Alunos de Letras de Lisboa em greve hoje e amanhã

Os alunos da Faculdade de Letras de Lisboa estão hoje e amanhã em greve, como forma de protesto pelo facto de o ministro da Educação não ter marcado um encontro que os estudantes exigiam desde a passada semana.

A Comissão Coordenadora Nacional dos Estudantes de Letras solidarizou-se com a resolução, apesar de os colegas do Porto e de Coimbra não participarem da greve por — afirmam — não existirem condições. De facto, o período de avaliações das Faculdades do Porto e Coimbra começa hoje.

Foi, no entanto, decidido a nível nacional a realização de uma manifestação na próxima sexta-feira, frente ao Ministério da Educação. Na manifestação far-se-ão também representar os estudantes do ensino secundário, da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

Em reunião ontem em Coimbra, a Comissão Coordenadora dos Estudantes de Letras alertou os órgãos competentes para a «necessidade de revisão do estatuto das Faculdades de Letras», tendo analisado os documentos emanados dos diferentes cursos e anos da Faculdade de Coimbra que versavam a reestruturação em curso, que, lembre-se, é contestada pelos estudantes.

As Faculdades de Letras «não devem

estar exclusivamente vocacionadas para uma via de ensino», defendeu-se. «Devem também e especialmente — frisaram — estar vocacionadas para uma intervenção efectiva no tecido cultural e científico do País.»

Professores também protestam

Outras frentes de crise se multiplicam no sector da Educação, tendo nomeadamente o Sindicato de Professores da Região Centro exigido ao ministro que publique as suas contrapropostas aos textos que a FENPROF lhe entregou, textos que se relacionam com o estatuto da carreira docente, novo modelo de profissionalização em serviço e quadros para a educação pré-escolar e ensino primário, preparatório e secundário.

Aquele sindicato considerou mesmo a situação actual, em comunicado difundido em Coimbra, como de «total bloqueamento das negociações de assuntos que dizem respeito a todos os professores». Lê-se no documento que o ministro «não tem projectos nem soluções» e pede-se-lhe que «trabalhe mais em prol da melhoria da educação e do ensino». Aí se pergunta: «Onde está o projecto de efectivação dos 15 mil professores do CPES e o projecto dos

dois anos de serviço para o concurso de efectivo?»

Entretanto, os professores primários de todo o País, reunidos em Aveiro, decidiram aderir à greve nacional da classe marcada para 26 e 27 de Março, exigindo que o Ministério da Educação altere as suas posições quanto à avaliação de docentes e à progressão na carreira, a revalorização monetária e à compensação pela não redução de horário ao atingir as diversas fases.

«Continua por resolver — disseram — a inaceitável situação de «saltimbancos» a que estão sujeitos 12 000 professores não efectivos do ensino primário e que o Ministério usa como mão-de-obra barata, poupando cerca de 900 000 contos por ano.»

Os professores primários querem que o Ministério da Educação «cumpra compromissos assumidos no que respeita à revisão da legislação de concursos, especialmente quanto à publicação de vagas na abertura dos concursos». E concluem: «Apesar da lei de bases do sistema educativo determinar a democratização da gestão em todos os sectores do ensino e dar um prazo até Outubro para o Governo legislar sobre a matéria, o Ministério da Educação não mostra vontade política de negociar com os professores um seu projecto que data já de 1983.»

Dia	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
-----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Conflito Estudantes